

Líderes do PSDB discutem sucessão

Tasso diz que estratégia ideal para o governo é melhorar a economia

eleição presidencial

Eva Rodrigues
de São Paulo

A sucessão do presidente Fernando Henrique Cardoso ocupou um espaço importante ontem nas conversas das lideranças do PSDB. Em Brasília, o governador do Ceará, Tasso Jereissati, disse que o candidato deve ser definido até o fim deste ano ou início de 2002. Jereissati almoçou com os três principais líderes tucanos de Minas Gerais na residência oficial do presidente da Câmara, Aécio Neves. Também participaram do almoço, o ministro das Comunicações, Pimenta da Veiga, e o ex-governador mineiro, Eduardo Azeredo.

Jereissati negou que o objetivo do encontro seria uma articulação com os líderes mineiros com vistas ao apoio a uma eventual candidatura à Presidência. “O nome dentro do PSDB tem de sair do consenso e isso vai acontecer com o tempo.”

O governador cearense acrescentou que a liderança peessedebista não deve ter pressa em definir nomes, mesmo com candidaturas de oposição já estarem colocadas — e com vantagem nas pesquisas. “A melhor ofensiva é melhorar a economia e apresentar melhores resultados.” Jereissati negou ainda que vá iniciar ações políticas para polarizar a disputa com o ministro da Saúde José Serra, já que os dois são apontados como possíveis candidatos do PSDB. “Eu não polarizo com o Serra”, afirmou. “Não pleiteio nada e nem sou candidato de mim mesmo.”

Em São Paulo, o governador Geraldo Alckmin defendeu a filiação do ministro Pedro Malan ao PSDB. Mais do que importância para uma futura candidatura à sucessão, disse Alckmin, a filiação de Malan é fundamental para o avanço do PSDB. “Trata-se de um homem capaz, tem

serviços prestados ao País e é natural que tenha vida partidária, essa é a forma de participar da vida democrática”, disse, acrescentando a frase com que costuma encerrar, nos últimos tempos, os questionamentos sobre sucessão presidencial: “Não vejo razão para me precipitar nessa discussão sucessória, que deve ocorrer no próximo ano”.

Ao responder sobre os efeitos da indefinição para a candidatura do governo, Alckmin afirmou que o partido não tem donos. “É um partido que não tem caciques. As decisões são colegiadas, há o estímulo à participação de todos e dessa forma é normal que tenhamos bons nomes para concorrer à presidência.” O governador diz que FHC é o condutor natural do processo “porque é o presidente da República, faz parte do partido e é da sucessão dele que se está tratando.”

(*Com agências de notícias)